



REVISTA TURISMO ESTUDOS & PRÁTICAS

ISSN: 2316-1493

Artigo/Article

COMO O POSITIVISMO É VISTO NO CAMPO DO TURISMO? UMA ANÁLISE SISTEMÁTICA DE SUAS INFLUÊNCIAS A PARTIR DO LEVANTAMENTO BIBLIOMÉTRICO EM BASES DE DADOS SELECIONADAS

HOW IS POSITIVISM PERCEIVED IN TOURISM STUDIES? A SYSTEMATIC ASSESSMENT OF ITS INFLUENCES FROM A BIBLIOMETRIC REVIEW OF SELECTED DATABASES

Raphaella de Lima Alvarenga Tone (UFJF)¹
Thiago Duarte Pimentel (UFJF)²

RESUMO: Este estudo exploratório investiga a presença do positivismo na pesquisa em turismo. Por meio de uma revisão sistemática nas bases Scopus e SPELL, utilizando os termos “positivismo”, “tourism”, “positivismo” e “turismo” (buscado em título, palavras-chave e resumo), identificaram-se 38 trabalhos, dos quais 21 atenderam aos critérios de inclusão. Os resultados revelam que, embora o positivismo seja historicamente apontado como matriz epistemológica inaugural do campo, poucos artigos aprofundam essa perspectiva: a maioria apenas menciona ou define o termo, sem o empregar para fundamentar métodos ou argumentos. Além disso, não se observou diálogo com autores positivistas “clássicos”. Conclui-se que a produção relacionada ao positivismo permanece reduzida e, quando presente, tende a ceder espaço à outras abordagens, possivelmente pela dificuldade de conciliar o enfoque predominantemente quantitativo do positivismo com demandas qualitativas contemporâneas. O estudo contribui ao mapear essa lacuna e ao indicar a necessidade de investigações que articulem, de forma mais robusta, fundamentos positivistas ao fenômeno turístico. **Palavras-chave:** turismo; positivismo; epistemologia; revisão sistemática.

¹ Raphaella de Lima Alvarenga Tone. Bacharela em Turismo e Mestra em Administração, ambos pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9988504921981919> E-mail: raphaellalima31@yahoo.com.br; raphaella.tone@estudante.ufjf.br

² Federal University of Juiz de Fora (UFJF), Brazil and Université du Québec à Montréal (UQAM), Canada. Research Fellowship (Postdoc) in Urban Studies and Tourism (Tourism Geopolitics) from UQAM. Postdoc in Sociology and Philosophy (Critical Realism) from UFRJ. PhD in social sciences from UFJF. Master in Business Management and Degree in Tourism from UFMG. Full-time professor and researcher at UFJF, teaching in graduate (Master's/PhD in Social Sciences) and undergraduate programs (Bachelor's in Human Sciences and Tourism). Member of ISA, AIEST, and IPPA. Visiting scholar in the USA, Canada, Mexico, and Cuba. Editor-in-Chief of the Brazilian Annals of Tourism Studies and Latin American Journal of Tourismology. Director of the Latin American Center of Tourismology and Vice-director of the Social Research Center at UFJF. Former counselor for the Minas Gerais State Council in Tourism. Research interests: Critical Realism, Collective action and Organizations; Sociology of Work, Leisure & Tourism; Public Policies, Education & University. CV (Brazil): <http://lattes.cnpq.br/9841188234449467> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1889-069X> E-mail: thiago.pimentel@ufjf.br





ABSTRACT: This exploratory study examines how positivism features in tourism research. A systematic review was conducted in the Scopus and SPELL databases using the terms “positivism”, “tourism”, “positivism”, and “turismo” filtered by title, keywords, and abstract. The search returned 38 publications; 21 met the inclusion criteria for in-depth analysis. Findings indicate that, despite positivism’s status as an early epistemological influence in tourism studies, few articles engage with it substantively. Most merely reference or define the term without using positivism to support their methodological choices or core arguments, and citations of “classical” positivist authors are absent. Consequently, the overall volume of positivism-oriented research is low, and scholars increasingly privilege alternative paradigms – likely because positivism’s primarily quantitative stance offers limited alignment with current qualitative agendas. By mapping this gap, the present study highlights the need for more rigorous, positivist-grounded investigations of tourism phenomena. **Keywords:** tourism; positivism; epistemology; systematic review.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida de toda prática científica no campo das ciências humanas reside, como postulam Burrell e Morgan (1979), em um conjunto de pressupostos sobre a natureza do mundo social, uma estrutura de crenças que opera de forma tácita e que condiciona o olhar do pesquisador³. Nessa perspectiva emerge uma distinção fundamental entre a dimensão ontológica, dedicada à própria interrogação sobre a essência e o modo de existência dos fenômenos, e a dimensão epistemológica, indissociavelmente ligada à primeira, mas que problematiza as condições de possibilidade e os fundamentos do conhecimento que se pode produzir sobre tais fenômenos (Burrell & Morgan, 1979). Em tal perspectiva, portanto, a questão epistemológica não se reduz a uma mera escolha técnica, mas investiga a origem, o desenvolvimento e a validação das formulações teóricas, questionando se o conhecimento pode ser apreendido ou se exige vivência direta, ou seja, a própria legitimidade das reivindicações de conhecimento sobre o mundo, buscando garantir as condições de sua validade (Tribe, 1997; Netto & Nechar, 2014). Tal mapeamento dos pressupostos do pesquisador estabelece um diálogo profícuo com a taxonomia de paradigmas de pesquisa proposta por Lincoln e Guba (1985), que argumentam que as crenças ontológicas, epistemológicas e metodológicas formam um todo coerente que define a lógica da própria investigação.

A estrutura do campo⁴ epistemológico, conforme analisada por Netto e Nechar (2014), foi historicamente marcada por uma polarização entre, de um lado, uma tendência analítica herdeira do empirismo lógico e, de outro, uma vertente histórica que se constituiu em oposição à primeira. A transposição deste debate para o campo específico do turismo revela sua importância capital, uma vez que, como destacam Galvão, Marques e Castro (2016), o rigor epistemológico é a condição de possibilidade

³ A respeito do “olhar” do observador e da operação de “observação” dos sistemas e seus objetos da realidade, cf. Niklas Luhmann, especialmente em *Die Wissenschaft der Gesellschaft* (1990), *Social Systems* (1995) e *Theories of Distinction* (2002), para uma discussão sobre a observação de 1º, 2º e até 3º graus, bem como suas distintas implicações para a realidade e para as condições de possibilidade do conhecimento.

⁴ Bourdieu (2004) descreve o “campo científico” como um espaço social de luta concorrencial, onde os agentes (pesquisadores) disputam o monopólio da autoridade científica e do “capital científico” (reconhecimento). A discussão sobre a necessidade de uma “ruptura dialética” (Nechar, 2014) e a busca por “cientificidade” (Galvão et al., 2016), no campo turístico (Pimentel, 2018), podem ser interpretadas como sintomas da luta pela autonomia e legitimação do campo do turismo frente a outros campos mais estabelecidos, como a Economia ou a Sociologia.



para a certificação dos estudos, para a construção de um embasamento crítico e, em última instância, para a reivindicação de um estatuto de cientificidade para a área. A reivindicação de um estatuto de cientificidade para a área, sob uma perspectiva *bourdieusiana* (Bourdieu, 2004), pode ser entendida como a luta pela acumulação de capital científico e pela autonomia do campo do turismo em relação aos demais campos acadêmicos conexos (Pimentel, 2018).

Nesse sentido, a epistemologia do turismo, para Tribe (1997), é concebida como o espaço de reflexão sobre a validade e a confiabilidade do conhecimento produzido. Contudo, essa reflexão exige uma postura autônoma, pois, como adverte Nechar (2014), ela deve operar como uma ruptura dialética com os modelos importados de outros campos, bem como um cuidado teórico justificado, segundo Beni e Moesch (2017), pela irreduzível complexidade da prática social turística e pela centralidade das subjetividades que a constituem.

O turismo se manifesta no espaço social como uma atividade dotada de uma dupla (e, por vezes, contraditória) valência: por um lado, ele é investido de uma notável importância em sua *dimensão econômica*, sendo constantemente mobilizado no discurso dominante (inclusive politicamente) como um vetor de desenvolvimento; por outro, sua significância transcende essa lógica puramente instrumental para englobar uma *dimensão social* profunda, que se materializa na reconfiguração das comunidades locais e na própria oferta de um destino como produto simbólico, carregado de uma história e uma identidade específicas (Beni & Moesch, 2017).

A própria definição do fenômeno, para Tribe (1997), articula a mobilidade física (o ato de viajar), as disposições subjetivas (as motivações) e as práticas sociais (o envolvimento em atividades). Neste mesmo diapasão, Nechar (2014) aprofunda essa visão, caracterizando o turismo como um fenômeno multifacetado cujos efeitos e qualidades constituem a matéria-prima a partir da qual as diferentes construções teóricas sobre o tema foram historicamente engendradas. As tensões inerentes a essa dupla valência são agudamente reveladas em fenômenos contemporâneos, como o *overtourism*, que expõem os limites do crescimento econômico e seus impactos negativos sobre o tecido social dos destinos (Goodwin, 2017).

Ainda que a constituição de um saber rigoroso sobre o turismo seja um processo recente e sua paisagem epistemológica permaneça subanalisada (Nechar, 2007), ou subteorizada (Pimentel, 2018), a dificuldade em mapear suas escolas teóricas, apontada por Netto e Nechar (2014), não impede a identificação de uma estrutura de dominância conceitual ou paradigmática (Korstanje, 2018). Com efeito, Galvão, Marques e Castro (2016) observam a hegemonia de abordagens e temáticas vinculadas a uma racionalidade econômica, cuja afinidade eletiva com a matriz positivista é evidente. Mesmo as análises que buscam incorporar as relações sociais o fazem, segundo os mesmos autores, sob a égide do princípio positivista, investigando a “funcionalidade” dessas relações para o sistema. Essa hegemonia paradigmática⁵ inscreve-se em um contexto em que a própria reflexão epistemológica foi longamente percebida como excessivamente complexa ou de pouca aplicabilidade e, sobretudo, *relativamente recente*; uma percepção que, para Netto e Nechar (2014), revela menos uma limitação do objeto do que uma disposição (ou *habitus*) dos próprios pesquisadores do campo.

⁵ Essa configuração pode ser compreendida à luz do conceito de ‘ciência normal’ de Kuhn (1962), no qual a pesquisa opera majoritariamente dentro dos limites de um paradigma dominante, sem colocar em questão seus próprios fundamentos.



É precisamente nesta conjuntura que o presente estudo se posiciona. Partindo da contradição entre a constatação de um suposto aumento no número de pesquisas epistemológicas (Netto & Nechar, 2014) e a observação empírica de sua aparente insignificância no volume total da produção acadêmica, este trabalho estabelece como objetivo investigar essa lacuna, em particular, com foco na representatividade dos estudos sobre epistemologia do turismo a partir de uma perspectiva positivista. Diante da escassez de pesquisas explicitamente fundadas em matrizes epistemológicas, e considerando a tendência da investigação turística de se concentrar em estudos de caso particularistas em detrimento de fundamentações gerais (Netto, Noguero, & Jäger, 2011), esta revisão sistemática visa um duplo objetivo: primeiro, quantificar a produção científica que efetivamente mobiliza o positivismo no estudo do turismo; e segundo, realizar uma análise qualitativa da lógica subjacente a essa mobilização, examinando como o positivismo é conceituado e quais autores são acionados para legitimar sua aplicação.

O POSITIVISMO

A investigação sobre a vida humana e as relações que se tecem no cotidiano constitui o objeto por excelência das ciências sociais, as quais partem do pressuposto de que a experiência humana é o produto indissociável da interação entre os indivíduos e o meio social em que estão inseridos (Burrell & Morgan, 1979). Contudo, essa base fenomênica comum é atravessada por uma clivagem fundamental, dada pela posição que cada ator ocupa no campo científico, definida por suas disposições ontológicas e epistemológicas, que determinará, de forma estruturante, sua prática metodológica. Os autores demonstram ainda ser possível identificar o desdobramento de tal divisão no campo das metodologias, opondo aquelas que tratam o mundo social como uma realidade natural e externa ao indivíduo àquelas que o concebem a partir de sua irreduzível subjetividade. Os pesquisadores alinhados à primeira postura, segundo os autores, concentrarão seus esforços na análise das relações e regularidades entre os elementos constituintes da realidade, empenhando-se na identificação e definição de variáveis e na busca por leis universais que visem explicar e governar o mundo observado (Burrell & Morgan, 1979).

O positivismo emerge, nesse contexto, como a materialização epistemológica da primeira postura, aspirando a uma objetividade plena. Esta matriz de inteligibilidade, na formulação de Burrell e Morgan (1979), procura explicar e prever ativamente os acontecimentos do mundo social por meio da identificação de regularidades e de relações causais entre seus elementos constituintes. Hassard (1993) aprofunda essa caracterização, afirmando que o positivismo, em sua ambição de cientificidade, restringe o conhecimento válido ao que é empiricamente observável, com foco no estabelecimento de conexões sistemáticas entre fenômenos e na acumulação de dados. O cerne da investigação positivista, segundo Hassard (1993), reside na crença em um conhecimento único e verdadeiro, no qual as afirmações significativas são passíveis de teste e refutação, demarcando, assim, uma fronteira radical com o pensamento teológico ou metafísico. A essa lógica, Donaldson (2005), um dos seus mais notórios defensores no campo da administração, acrescenta que os fenômenos observados sob o prisma positivista devem ser submetidos a rigorosos testes de validade, de coerência lógica e de consistência empírica.

A gênese do positivismo está indissociavelmente ligada à figura de Auguste Comte, que, como aponta Hassard (1993), foi seu principal arquiteto. O projeto *comtiano*



consistia em uma ambiciosa transposição da autoridade do conhecimento científico, baseado no empirismo, para o domínio dos problemas sociais, que deveriam ser tratados com o máximo de cientificidade possível. Para Comte, a combinação sistemática do raciocínio e da observação seria o único meio legítimo de conhecimento, e caberia à sociologia examinar a coexistência dos fenômenos sociais (Hassard, 1993). Sua proposta de fundar uma “física social” (ou sociologia) sobre os métodos das ciências naturais (Hassard, 1993; Burrell & Morgan, 1979) não era apenas uma escolha metodológica, mas uma estratégia para conferir à nova ciência um capital simbólico já consolidado.

Essa homologia estrutural com as ciências naturais se estendeu à biologia, da qual Comte importou analogias orgânicas para desenvolver uma abordagem sistemática e holística da análise social (Hassard, 1993; Burrell & Morgan, 1979). Influenciado pelo pensamento evolucionista, ele passou a conceber a sociedade em termos de estrutura e função, distinguindo a estrutura do processo e defendendo o holismo metodológico (Burrell & Morgan, 1979). Em sua visão, a função última da sociologia era decifrar o curso necessário da história para, assim, fundamentar uma nova ordem social, cuja legitimidade repousaria na essência da racionalidade científica (Burrell & Morgan, 1979). Este projeto filosófico encontraria sua mais potente tradução em um programa de pesquisa empírica na obra de Émile Durkheim (1982), cujo axioma metodológico de *‘considerar os fatos sociais como coisas’* representa a cristalização da ambição positivista de Comte.

No cerne do sistema comtiano encontra-se uma grande lei teleológica da evolução do espírito humano, um princípio estruturante que postula que a mente, por sua própria natureza, percorre, em seu progresso, uma sucessão necessária de três estágios ou métodos filosóficos: o teológico, o metafísico e, finalmente, o positivo ou científico (Comte, 1896). Nessa arquitetura histórica, o estado positivo figura como o ápice do desenvolvimento, sendo o teológico seu ponto de partida genealógico. Comte (1896) mobiliza essa lei para resolver um problema epistemológico fundamental: o círculo vicioso entre a teoria, que deve se basear em fatos, e os fatos, que não podem ser observados sem a orientação de uma teoria. Para ele, foram as concepções teológicas que, em sua ingenuidade primitiva, proporcionaram a abertura inicial para esse círculo, permitindo o início do conhecimento.

Assim, a sucessão dos estados não é arbitrária, mas um processo de depuração progressiva, no qual cada fase histórica, embora superada, foi necessária e adequada ao seu tempo, constituindo um degrau indispensável na ascensão do espírito humano ao estágio positivo (Comte, 1896). Este modelo de evolucionismo idealista⁶, no qual o progresso das ideias determina a transformação social, contrapõe-se frontalmente ao materialismo histórico desenvolvido por Marx e Engels (2002), para quem a evolução das sociedades é determinada, em última instância, pela dinâmica dos modos de produção e pela luta de classes. Nesse sentido, Comte esteve no grande debate do século XIX sobre as leis da história, sendo líder e fundador de um dos projetos teóricos radicalmente opostos.

O positivismo, na concepção de Comte (1865), transcende a esfera da pura especulação para afirmar-se como um projeto indissociavelmente filosófico e político,

⁶ A “Lei dos Três Estágios” de Comte é um modelo de evolucionismo social de base idealista (evolução impulsionada pelas ideias), que se opõe diametralmente ao modelo de evolucionismo de base materialista de Karl Marx, cuja sucessão de estágios históricos (comunismo primitivo, escravagismo, feudalismo, capitalismo, socialismo). Para eles, o motor da história não é a evolução das ideias, e sim a luta de classes e as contradições geradas pelo desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção. Logo, este tema é amplamente controverso, apesar de ter sido mobilizado, na versão comtiana, por Parsons.



cujos objetos primários são, de um lado, a generalização das concepções científicas em um sistema coerente e, de outro, a sistematização da “arte da vida social”. Este programa de reorganização total da sociedade desdobra-se em quatro resultados, ou pilares, fundamentais. O primeiro, segundo Comte (1896), seria a manifestação, por meio da experiência, das leis invariáveis que governam o intelecto humano em sua busca pela verdade. O segundo pilar consiste na regeneração da educação, substituindo sua antiga essência por uma nova pedagogia social de base positiva. O terceiro seria o fomento ao progresso das próprias ciências, superando suas divisões artificiais por meio da combinação de seus saberes (Comte, 1896). Por fim, o quarto e mais ambicioso resultado seria a instauração da filosofia positiva como a única base sólida para a reorganização da sociedade, pois, para Comte (1896), a coexistência de diferentes sistemas filosóficos era o principal obstáculo à instauração de uma ordem social estável e consensual. Esta ambição de fundar a política sobre a ciência, delegando a condução da sociedade a uma elite de ‘sábios’, ecoa a proposta de Platão (1992) em *A República*, na qual a cidade ideal deveria ser governada pelos ‘filósofos-reis’, que, em sua visão, seriam os únicos capazes de aceder ao conhecimento do Bem e da Verdade”. Neste sentido, reencena, assim, um antigo anseio por uma ordem política baseada na *epistemocracia*, ou seja, no governo dos que sabem, embora formulada na linguagem da ciência moderna.

A *práxis* científica do positivismo define-se por uma renúncia programática à interrogação metafísica, ou seja, “o verdadeiro espírito Positivo consiste em substituir o estudo das leis invariáveis dos fenômenos pelo estudo das suas chamadas causas, sejam elas próximas ou primárias; numa palavra, no estudo do como, em vez do porquê” (Comte, 1865, p. 50)⁷. O estado positivo, afirma Comte (1896), abandona a busca por noções absolutas para dedicar-se ao estudo sistemático das leis do universo, entendidas como relações constantes de sucessão e semelhança. Os meios para se aceder a esse conhecimento são estritamente o raciocínio e a observação, validados como os únicos capazes de revelar as leis lógicas da mente humana. Nesse novo regime de verdade, a “explicação” de um fato consiste, nas palavras de Comte (1896), “o que agora se entende quando falamos de uma explicação de fatos é simplesmente o estabelecimento de uma conexão entre fenômenos isolados e alguns fatos gerais, cujo número diminui continuamente com o progresso da ciência”. (p.2)⁸.

O método positivo, contudo, não é um conjunto de regras *a priori*, mas uma prática que só pode ser julgada em ação, inseparável do trabalho em que é empregada (Comte, 1896). Sua origem, segundo Comte (1865), remonta à matemática e à astronomia, de onde se iniciou um movimento de colonização epistemológica que, gradualmente, tomou posse da física e da biologia, restando apenas o campo dos fenômenos sociais para ser plenamente integrado a esse sistema unificado do saber. Essa aspiração por um conhecimento unificado antecipa (ou, na verdade, abre as possibilidades para) de forma notável o projeto do Círculo de Viena no século XX, que, por meio de figuras como Neurath (1938), buscou ativamente promover a ‘Unidade da Ciência’ por meio de uma linguagem fisicalista universal”.

Ao delimitar o objeto da nova ciência, Comte (1896) opera um gesto de autonomização dos fenômenos sociais, argumentando que sua irreduzível complexidade, dificuldade, individualidade e dependência mútua os distinguem das categorias primárias de seu sistema (astronomia, física, química e fisiologia), exigindo, assim, uma

⁷ Tradução livre.

⁸ Tradução livre.



classificação própria. A condição de possibilidade para o surgimento das ciências sociais, segundo Comte (1865), foi a revolução intelectual do século XVII, que instaurou a concepção de progresso humano como um eixo central do pensamento.

Esse movimento revolucionário, juntamente com o período de reação que se seguiu, foi, para o autor, fundamental para o reconhecimento do valor social do positivismo. Comte (1896) posiciona seu próprio projeto como o ato de preencher a “lacuna” final no edifício da filosofia positiva, integrando os fenômenos sociais a este sistema, mas o faz mantendo uma tensão constitutiva: embora exijam uma ciência própria, os fenômenos sociais são, em última análise, “ramificações do mesmo tronco”, submetidos à mesma lógica epistemológica que governa as ciências da natureza⁹.

Em sua obra *A General View of Positivism*, Comte enfrenta uma objeção central ao seu empreendimento: a aparente inadequação de um sistema racionalista e concreto, como o positivismo, para reger e definir os fenômenos sociais, cujo domínio transcende a pura esfera do intelecto. A solução *comtiana* para esta aporia consiste em uma notável inversão hierárquica no próprio sistema: no momento em que o positivismo se estende às questões sociais, o ponto de vista moral assume uma primazia indiscutível (Comte, 1865). Esta virada é encapsulada em sua célebre analogia, na qual “o intelecto, sob o Positivismo, aceitaria a sua própria posição de subordinação ao coração” (Comte, 1865, p. 41).

Adicionalmente, Comte (1865) introduz uma noção de *reflexividade* ao afirmar que, nos fenômenos sociais, o objeto observado e o próprio observador estão imersos em um processo de desenvolvimento mútuo, uma dinâmica que permitiu o contínuo refinamento de suas contribuições e a reprodução de seus métodos na literatura subsequente. Esta ‘virada afetiva’, contudo, foi duramente criticada por contemporâneos como John Stuart Mill (1865), que, embora admirador da fase inicial de Comte, denunciou seu sistema político e moral posterior como despótico e contrário aos princípios da liberdade individual¹⁰.

A partir da matriz comtiana, o positivismo se disseminou como uma corrente epistemológica de grande penetração no campo dos estudos organizacionais, onde a influência de seu raciocínio se tornou visível. Nesse subcampo específico, a obra de Lex Donaldson (1996) emerge como uma tentativa sistemática de validar e reafirmar a hegemonia da teoria positivista, postulando que as organizações, independentemente de sua natureza, podem e devem ser explicadas por leis científicas de caráter geral, aplicáveis a qualquer tipo de organização.

Para Donaldson (1996), a teoria das organizações encontra no funcionalismo um pilar de sustentação, ao conceber as estruturas organizacionais como respostas funcionais a imperativos externos. As organizações são, nesta perspectiva, moldadas

⁹ Esta posição deixa de lado, e se opõe, deliberadamente a distinção fundamental proposta por Dilthey (1989) entre as ciências naturais (*Naturwissenschaften*), que explicam, e as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), que devem ‘compreender’ (*Verstehen*) a realidade humana em sua particularidade histórica e simbólica. Novamente, portanto, trata-se de outro tema altamente controverso que suscitará discussões em todo século XX e até o presente.

¹⁰ O Positivismo não está imune à críticas internas. A “segunda fase” de Comte, com sua ênfase na moralidade, no “coração” e na “Religião da Humanidade”, foi objeto de intensa crítica por parte de seus contemporâneos, que viram nela uma traição ao projeto científico original. A crítica mais articulada e influente partiu de John Stuart Mill. Mill, um dos primeiros e mais importantes divulgadores do positivismo na Inglaterra, dedicou a segunda parte de seu ensaio *Auguste Comte and Positivism* para desconstruir e rechaçar o que ele considerava ser um desvio autoritário e iliberal do último Comte. Na acepção de Mill essa “solução moral” de Comte não foi uma evolução pacífica, mas sim um ponto de fratura que gerou um debate capital sobre os limites e os perigos políticos do projeto positivista.





pelo ambiente em que se inserem, e um conjunto de “fatores de contingência” – como estratégia, tecnologia, tamanho e taxa de inovação – determina a estrutura ótima para o desempenho eficaz. O autor (Donaldson, 1996) reconhece que o positivismo implica uma busca por generalização, mas argumenta que o próprio caráter contingente impõe um limite a essa busca, levando a generalizações de âmbito restrito, aplicáveis a nichos específicos, em vez de leis universalmente válidas. Assim, a teoria organizacional positivista sustenta a existência de relações gerais e legais e uniformes entre as variáveis de contingência e a estrutura, num esforço contínuo para construir uma ciência *nomotética* das organizações. Esta posição, contudo, não se estabeleceu sem contestação, tendo sido o epicentro de um intenso debate¹¹ com as abordagens críticas, notadamente a de Stewart Clegg (1989), que desafiou a visão funcionalista ao reintroduzir as dimensões de poder, dominação e disciplina como centrais para a análise organizacional.

Em trabalhos subsequentes, Donaldson (2005) aprofunda sua defesa programática do positivismo, reafirmando sua pertinência para o campo dos estudos organizacionais. Ele concebe a ciência positiva, quando aplicada às organizações, como um projeto de edificação de um corpo *nomotético* de conhecimento, constituído por “teorias causais gerais sobre as organizações e os seus membros” (Donaldson, 2005, p. 39), cuja robustez é perpetuamente fortalecida pela aplicação rigorosa de métodos científicos (leia-se o uso da estatística e da análise inferencial). A premissa subjacente, que retoma o postulado *comtiano* (Comte, 1853, *apud* Donaldson, 2005), é que a aplicação da abordagem das ciências naturais à sociedade resultará em um avanço inequívoco do conhecimento sobre os assuntos humanos. Essa transposição, insiste Donaldson (2005), implica a importação não apenas de um arsenal metodológico, mas de uma inteira cosmovisão, ou seja, não apenas os métodos das ciências naturais vão ser adaptados, como também a visão de mundo (Donaldson, 2005). Desse modo, a aplicação do positivismo ao campo organizacional traduz-se em um esforço para formular teorias gerais sobre as organizações e seus agentes, uma emulação das leis universais das ciências naturais, estruturada em uma lógica explícita de causa e efeito¹².

O *mecanismo explicativo* mobilizado pelas teorias sociais positivistas, segundo Donaldson (2005), opera por meio de um determinismo situacional, no qual o comportamento humano é explicado como uma resposta a constrangimentos e pressões do ambiente. Desta forma, na teoria organizacional positivista, a agência dos atores é subordinada à lógica do sistema, no qual o ambiente, as estruturas e os fatores de contingência determinam a trajetória da organização, e qualquer desvio desta rota implica riscos de redução de sua funcionalidade. É neste ponto, argumenta Donaldson (2005), que o positivismo consuma uma aliança estratégica com o funcionalismo, que lhe oferece o arcabouço teórico para pensar a adequação das partes ao todo. Para conferir legitimidade sociológica a esta visão, Donaldson (2005) mobiliza a obra de

¹¹ A defesa do positivismo funcionalista por Donaldson foi o estopim de um dos mais famosos “*paradigm wars*” (guerras de paradigmas) nos estudos organizacionais. O seu principal antagonista nesse debate foi Stewart Clegg. Representando uma perspectiva crítica, fortemente influenciada por Foucault e pela sociologia do poder, Clegg atacou a visão de Donaldson como a-histórica, politicamente ingênua e incapaz de dar conta das relações de poder, dominação e disciplina que constituem a realidade organizacional. O debate Donaldson-Clegg ilustra vividamente que o positivismo de Donaldson não era um consenso, mas uma posição sitiada dentro de um campo de intensas lutas intelectuais, revelando a estrutura conflituosa do próprio campo acadêmico.

¹² Esta ambição, contudo, é precisamente o que Horkheimer (1972) critica sob o rótulo de ‘Teoria Tradicional’, a qual, ao buscar leis gerais e a-históricas, camufla seu papel na manutenção do status quo e renuncia ao potencial emancipatório de uma ‘Teoria Crítica’ da sociedade.



Durkheim, quem também foi influenciado pelos métodos *comtianos* (Hassard, 1993), sugerindo que as decisões organizacionais são análogas a “fatos sociais”, resultantes de um ajuste à situação ou de pressões externas, como a concorrência. Emerge, assim, a “visão positivista das organizações como moldadas pelos seus ambientes por meio de adaptação ou seleção” (Donaldson, 2005, p. 46)¹³. O componente da ‘seleção’, em particular, foi desenvolvido de forma exaustiva pela escola da Ecologia Organizacional, para a qual, segundo Hannan e Freeman (1977), o ambiente opera como um mecanismo que seleciona diferencialmente as organizações mais aptas a sobreviver, de forma análoga à seleção natural.

Positivismo no Turismo

A transposição do debate epistemológico para o campo do turismo impõe-se na medida em que o fenômeno, para além de sua dimensão prática, se materializa em uma rede de organizações que constituem sua cadeia produtiva. A pertinência de analisar essas organizações sob um prisma positivista, nos moldes do que foi exposto anteriormente por Donaldson (1996, 2005), justifica-se por essa homologia estrutural: o campo do turismo é, em grande medida, um campo de organizações. Contudo, a aplicação de qualquer matriz epistemológica ao turismo é precedida por uma luta por legitimação simbólica em torno do seu próprio estatuto científico.

A discussão sobre esta cientificidade, embora recente (Galvão, Marques, & Castro, 2016), revela as posições em disputa: de um lado, céticos que apontam a insuficiência da produção de conhecimento ou a incapacidade do campo de atingir os patamares de ciências mais estabelecidas (Galvão et al., 2016; Netto & Nechar, 2014); de outro, defensores que reivindicam seu caráter científico com base na existência de uma doutrina sistematizada e de uma lógica validada pela prática (Netto & Nechar, 2014). Nechar (2007), citando Castillo (1992), oferece uma posição intermediária, ao conceber o turismo como um objeto de estudo de natureza científica, o que não equivale ao seu reconhecimento como uma ciência autônoma. Tribe argumenta que o turismo não é uma disciplina, mas um “campo de estudo” que atrai o interesse de múltiplas disciplinas (as “tribos do turismo”). Esta conceptualização se esquia da pergunta (binária) “é ciência ou não?” e desloca a discussão para um modo de entender o turismo como um espaço de interseção e diálogo (ou conflito) entre diferentes lógicas disciplinares.

Ainda que o campo do turismo seja atravessado por múltiplas correntes epistemológicas, em função de seu caráter multidimensional, este trabalho opera um recorte analítico estratégico ao se concentrar no positivismo. A justificativa para tal recorte reside no fato de que esta matriz não é apenas a mais usualmente associada ao campo, mas também representa seu paradigma fundacional, tendo historicamente ocupado uma posição central na estruturação da pesquisa turística, notadamente por sua afinidade eletiva com o modelo das ciências naturais (Galvão et al., 2016). É, portanto, ao investigar a lógica e a penetração desta matriz epistemológica hegemônica que se pode compreender a estrutura profunda das práticas de pesquisa no turismo.

A manifestação do positivismo no campo do turismo se dá por meio de um conjunto de dispositivos metodológicos que buscam conferir segurança e certeza à investigação, analisando o fenômeno sob uma métrica clássica e unificadora (Netto & Nechar, 2014). Em sua *práxis*, o positivismo busca construir uma teoria do conhecimento unificada por meio de metodologias estabelecidas e de testes de

¹³ Tradução livre.



validação, encontrando seu fundamento na ciência clássica e sua expressão mais visível em estudos focados em estatísticas, geração de receita e crescimento econômico (Galvão et al., 2016). A *doxa* positivista no turismo, conforme sistematizada por Netto e Nechar (2014), pode ser decomposta em um conjunto de preceitos interligados: a atividade se fundamenta na ciência clássica e é impulsionada pelo avanço tecnológico; o turismo em si é um valor universal e um sintoma do avanço da sociedade, cujo sucesso é confirmado por cifras de crescimento e pelo volume de capital gerado; e, paradoxalmente, o estudo do turismo, sob essa mesma ótica, não ascenderia à categoria de ciência ou disciplina autônoma. Estes postulados demonstram que o positivismo se oferece ao campo do turismo não apenas como um método para a realização de pesquisas, mas também como uma grade de inteligibilidade para explicar a própria atividade turística, suas origens e seu suposto progresso inexorável.

Netto e Nechar (2014) estipulam sete diretrizes do positivismo que eles acreditam que podem ser aplicadas ao turismo:

1. Fundamento na ciência clássica como base do desenvolvimento da atividade.
2. Os avanços tecnológicos foram os grandes propiciadores do nascimento do turismo contemporâneo.
3. O estudo do turismo não pode ser elevado à categoria de ciência ou disciplina científica.
4. O turismo constitui-se num avanço da sociedade como parte de um valor universal.
5. Estudos estatísticos, que apresentam cifras dos deslocamentos de pessoas pelo mundo, são provas de que o fenômeno turístico está crescendo.
6. A grande quantia de dinheiro gerada pelo turismo confirma o sucesso da atividade.
7. Quanto mais passa o tempo, mais o turismo cresce. (Netto & Nechar, 2014, p.129)

Com isso, tem-se que o positivismo pode ser aplicado ao turismo de diversas formas, seja explicando a atividade, seja servindo como método para a realização desta. A partir disso e dos conceitos de positivismo anteriormente expostos, foi possível elaborar uma tabela sintética com os principais conceitos de positivismo abordados até aqui.

Quadro 1 - Principais Ideias do positivismo

AUTOR	ANO	Ideia
Comte	1865	O positivismo consiste em uma filosofia e em uma política. O verdadeiro espírito Positivo consiste em substituir o estudo das leis invariáveis dos fenômenos pelo estudo das suas chamadas “causas”.
Comte	1896	Filosofia Positiva se destina ao estudo das leis do universo e as relações de sucessão e semelhança, sendo que os meios para adquirir conhecimento nesse estado seria o raciocínio e a observação
Burrell e Morgan	1979	O positivismo procura explicar e prever o que acontece no mundo social, além de procurar regularidade e relações causais entre os elementos constituintes da análise.
Hassard	1993	O cerne da investigação no positivismo é que somente existe um conhecimento verdadeiro, somente se pode observar ligações sistemáticas. O conhecimento positivista é arbitrário, prático e objetivo.
Donaldson	2005	O positivismo leva as ciências naturais como um modelo a se seguir, procurando desenvolver teorias causais gerais.
Netto e Nechar	2014	O positivismo propõe a existência de um método que oferece segurança e certeza na investigação.
Galvão, Marques e Castro	2016	As ideias positivistas apresentam uma reflexão centrada nas formas de discurso e na produção do conhecimento das ciências naturais. Fazendo uso de metodologia e objetos de estudo estabelecidos. Com constantes testes de validação realizados por meio de método próprio.

Fonte: elaboração própria.



METODOLOGIA

O presente estudo posiciona-se metodologicamente como uma investigação de natureza qualitativa e descritiva. A sua inscrição na tradição qualitativa se justifica, conforme a formulação de Gil (2008), por sua dedicação à coleta, análise e comparação de dados secundários, operando sem a necessidade de fórmulas ou orientações predefinidas. A lógica operativa da pesquisa, portanto, baseia-se na análise de um *corpus* de dados secundários – e.g. a produção científica sobre positivismo e turismo –, extraídos de uma busca predefinida. Concomitantemente, seu caráter descritivo encontra plena justificação na busca por delinear as características de um campo de estudo particular e por estabelecer as possíveis relações entre seus elementos, o que corresponde precisamente à ambição deste trabalho: analisar as modalidades de tratamento do positivismo nos textos da área do turismo. Assim, esta abordagem se alinha à concepção de Denzin e Lincoln (2011), para quem a pesquisa qualitativa é uma prática interpretativa que busca compreender os significados que estruturam o mundo social, transformando o mundo visível em uma série de representações, como notas de campo, entrevistas e, neste caso, textos acadêmicos.

O tipo de pesquisa escolhido para atingir os objetivos propostos neste estudo foi a *revisão sistemática*. Este método de investigação científica se distingue por seu protocolo rigoroso que governa a identificação, seleção, coleta, análise e descrição das contribuições teóricas e empíricas relevantes para uma questão de pesquisa predefinida, exigindo, para tanto, um planejamento prévio detalhado (Ferenhof & Fernandes, 2016), ou seja, busca a síntese dos conhecimentos de um determinado tema sobre uma questão pré-definida. A arquitetura processual da revisão sistemática, na formulação de Levy e Ellis (2006), conforme citada por Ferenhof e Fernandes (2016), pode ser concebida como um sistema com entradas (as informações preliminares e o *corpus* de pesquisa), um processamento (a própria revisão) e saídas (a síntese e a análise dos resultados obtidos). A adoção deste método se justifica por sua capacidade, em contraste com as revisões narrativas tradicionais, de mitigar o viés do pesquisador e oferecer um processo de mapeamento do conhecimento explícito, transparente e replicável, conferindo maior robustez às conclusões (Tranfield, Denyer, & Smart, 2003).

A revisão sistemática pode ser entendida como uma síntese de segunda ordem de estudos primários, que devem possuir, em sua estrutura, objetivos, materiais e métodos claramente explicitados, sendo ela mesma conduzida por uma metodologia nítida e reproduzível (Greenhalgh, 1997, *apud* Hoffmann et al., 2015). Trata-se, portanto, de um método que auxilia na objetivação e na interpretação de um corpus textual, com vistas a atingir o objetivo proposto (Hoffmann et al., 2015). A realização de tal empreendimento exige um planejamento prévio da busca, cuja dimensão quantitativa, neste trabalho, será operacionalizada por meio da pesquisa bibliométrica. A bibliometria, na definição de Diodato (1994), consiste na aplicação de estratégias estatísticas para a análise dos padrões que emergem da produção e da comunicação científicas. Mais especificamente, o presente estudo empregará técnicas de mapeamento da ciência, uma abordagem bibliométrica avançada que permite a criação de visualizações da estrutura intelectual de um campo, revelando as relações entre pesquisadores, publicações e conceitos (van Eck & Waltman, 2010).

Desta forma, o presente trabalho foi realizado em três etapas. Inicialmente, procedeu-se à definição dos termos a serem pesquisados e os campos de filtros. Os termos foram: *positivism*, *tourism*, *positivismo* e *turismo*, os campos de filtros foram:



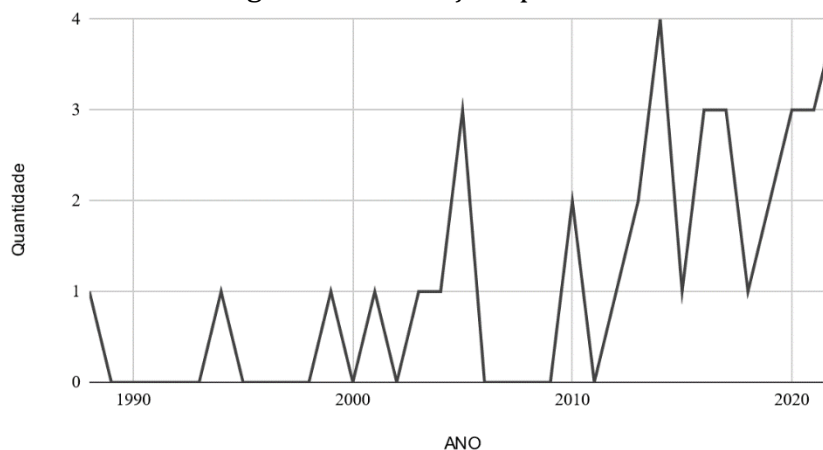
título, palavras-chave e resumo. Em seguida, foi determinado o mecanismo de pesquisa, no caso a base de dados Scopus (Elsevier), por tratar-se de uma das bases de dados de maior amplitude e de reconhecimento na literatura organizacional. De acordo com o site da Elsevier (2022), a Scopus é o maior banco de dados de resumos e citações da literatura com revisão por pares, e a SPELL (ANPAD) devido a sua importância na indexação nacional de textos na temática de administração e turismo.

A pesquisa não limitou o espaço temporal pesquisado, mas é válido mencionar que o ano de 2022 foi incluído na pesquisa, no entanto, apenas a primeira metade do ano foi contabilizada. Após a identificação dos resultados dessa pesquisa, foi realizado um diagnóstico da produção do tema e uma análise dos resultados, com comparação entre os textos, a fim de atingir o objetivo proposto pelo trabalho. Como consequência, a pesquisa na base de dados foi concluída, resultando em um total de 38 produções, sendo 36 provenientes da Scopus e 2 da Spell.

RESULTADOS DA PESQUISA

Com base nos resultados das pesquisas nas bases de dados mencionadas, foi possível estabelecer um diagnóstico do perfil das produções existentes sobre positivismo e turismo. Primeiramente foi analisada a incidência das produções por ano, a partir do gráfico abaixo é possível perceber que o primeiro texto encontrado nas bases foi do ano de 1988, a temática começou a ter maior destaque a partir do ano de 2010, já que depois desse ano o número de produções nunca foi zero. Os anos com maiores produções do tema foram o de 2014 e de 2022, com quatro produções no total, sendo que apenas a primeira metade do ano 2022 foi analisada totalmente.

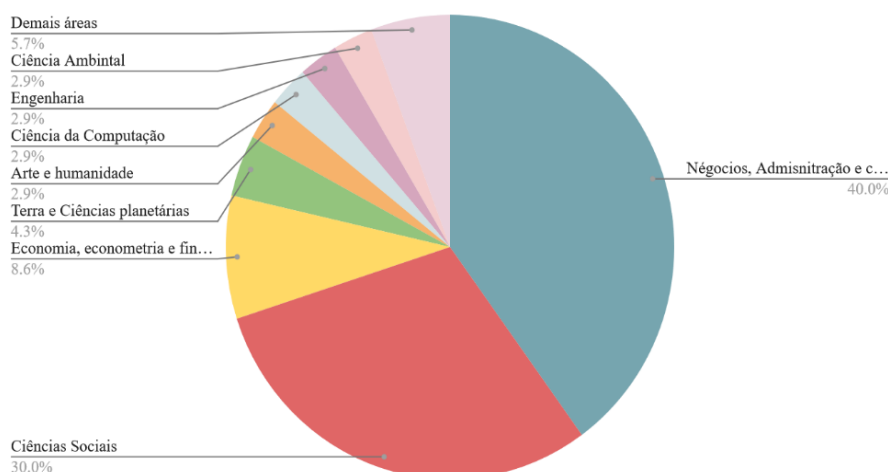
Figura 1- Publicações por ano



Fonte: elaboração própria.

O segundo item do presente diagnóstico foram as áreas nas quais os textos eram pertencentes, dentro dessas áreas sete foram as mais destacadas, sendo que “Negócios, Administração e Contabilidade” (que inclui os textos sobre o turismo) foram os que apresentaram um maior número de produções, com 28 textos, seguido pela “Ciência Sociais” com 21 e “Economia, Econometria e Finanças” com 6 textos. Isso demonstra que a maior parte dos resultados realmente está em áreas afins ao presente estudo, reiterando a fidelidade da pesquisa ao tema.

Figura 2 – Classificação por área temática

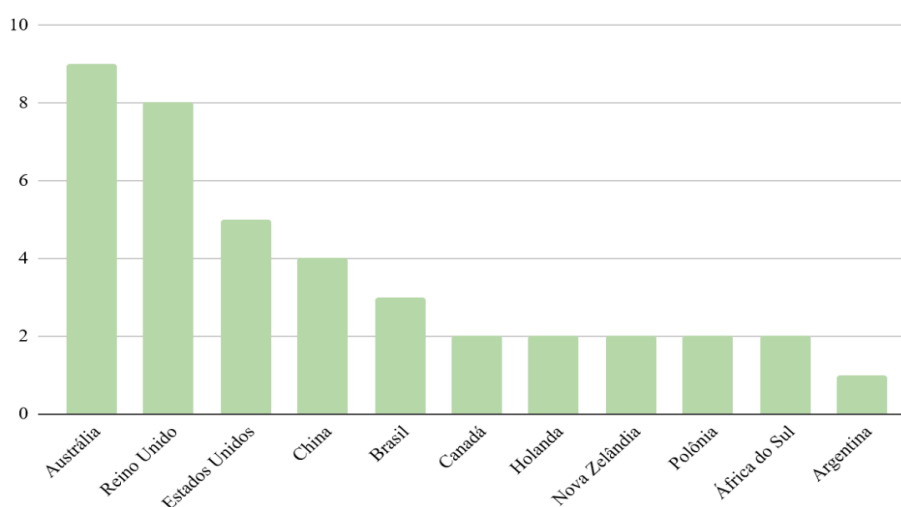


Fonte: elaboração própria.

A análise da estrutura da produção, circulação e distribuição dos produtos do campo científico exige, adicionalmente, um mapeamento da geografia da sua produção, procedimento crucial para identificar os polos hegemônicos na geração de conhecimento sobre o positivismo e o turismo. Este mapeamento permite inferir quais centros nacionais, em termos de volume de publicações, ocupam posições dominantes no que tange à evolução do debate, atuando como os principais locos de enunciação teórica.

A distribuição da produção revela uma notável concentração em países de língua inglesa, com a Austrália (Oceania) liderando com nove publicações, seguida de perto pelo Reino Unido (Europa), com oito, e pelos Estados Unidos (América do Norte), com cinco. O Brasil, por sua vez, ocupa a quinta posição neste ranking, com três textos. Contudo, uma leitura crítica destes resultados deve considerar um viés metodológico potencial, inerente ao desenho da pesquisa: a inclusão da base de dados Spell, um repositório eminentemente brasileiro, ao lado da base internacional Scopus, pode ter influenciado a representatividade da produção nacional nos dados consolidados.

Figura 3 – Publicações por país

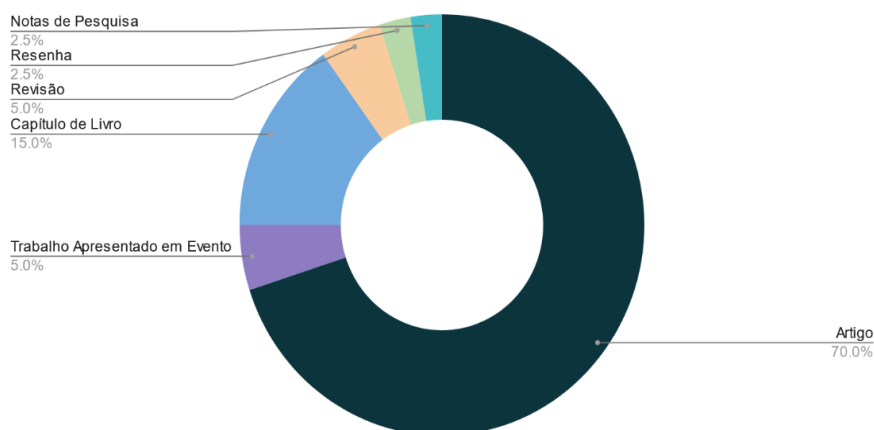


Fonte: elaboração própria.

O número de citações que um artigo possui no universo de produções está, em tese, altamente relacionado à qualidade, ao pioneirismo e à importância do texto. A partir disso, o presente trabalho também constatou qual texto dos encontrados foi o mais citado e identificou o estado geral da produção. Do geral ao específico, observa-se que 9 dos 38 artigos não foram citados por ninguém, 5 foram citados uma vez e outros 5, duas vezes. Chegando aos números mais elevados, o artigo *“Triangulation in qualitative tourism research”* foi citado 365 vezes e o *“Getting ‘entangled’: Reflexivity and the ‘critical turn’ in tourism studies”* 145 vezes, sendo assim os dois mais citados no todo pesquisado.

O tipo de documento também foi identificado no diagnóstico, seis foram as categorias que serviram para agrupar os textos: *artigo*, *trabalho apresentado em evento*, *capítulo de livro*, *resenha*, *notas de pesquisa* e *revisão*. Os artigos foram os que apresentaram o maior resultado de textos, com 26 produções no total, seguido pelos capítulos de livro com 6. Neste presente estudo serão analisados somente os textos no formato de artigo, não apenas pelo maior número de resultados, mas também pelo padrão de formato do artigo ser mais equivalente à proposta e ao objetivo do trabalho.

Figura 4 – Tipo de publicação



Fonte: elaboração própria.

A nuvem de palavras (figura 5), uma ferramenta que busca determinar a frequência das palavras em um texto, também foi utilizada no estudo para identificar as palavras com maior número de repetições nos títulos dos trabalhos encontrados. O título, muitas das vezes, é a forma como uma pessoa encontra um artigo, assim ele precisa não somente retratar a pesquisa como ser atrativo. Ao somar todos os títulos dos 38 trabalhos, 421 palavras foram encontradas; *tourism* ou *turismo* apareceu com maior frequência, com 24 ocorrências. A palavra *research* apareceu oito vezes, enquanto o *positivismo* aparece somente duas vezes.

Os locais de publicação também mostram a relevância e o impacto que essa produção pode ter; a maior parte das revistas, por exemplo, possui classificação e índice de impacto, o que contesta a sua relevância no meio acadêmico. A revista com maior número de produções, com três no total, foi a revista *Tourism Management*, focada em planejamento e política de viagens e turismo, a revista pertence a Elsevier e está em quinto lugar no ranking de administração ofertado pela mesma. As revistas *Tourism Recreation Research*, *Current Issues in Tourism* e *Annals of Tourism Research* acumularam 2 produções cada.

Figura 5 – Nuvem de palavras do título



Fonte: elaboração própria por meio do site Wordcloud.

Assim como as revistas mais citadas e bem classificadas indicam certa credibilidade e rigor, os autores que mais publicam e se sobressaem também indicam maior domínio da temática. Com isso em mente, foi realizado um levantamento sobre os autores que mais apareceram nos textos encontrados; apenas três autores escreveram ou coescrevem mais de uma produção: Botterill, Huang, Chen e Pearce.

POSITIVISMO E TURISMO: análise dos resultados da pesquisa

Superada a fase de diagnóstico quantitativo e de mapeamento da morfologia do campo, a presente investigação volta-se para uma análise da lógica interna das produções, buscando desvelar os temas principais e, sobretudo, as modalidades de enunciação do positivismo no interior dos artigos selecionados. Do universo de vinte e seis artigos inicialmente identificados, o *corpus* de análise efetiva foi reduzido a vinte e um, em função da exclusão de cinco trabalhos cujas condições materiais de acesso se mostraram um obstáculo, seja pela indisponibilidade em formato de acesso livre¹⁴ (quatro casos), seja pela barreira linguística intransponível (um caso, em japonês, cuja tradução não foi possível de ser realizada).

Avançando na análise do *corpus*, emerge um primeiro grupo de trabalhos cujo objeto explícito é o mapeamento epistemológico do campo do turismo. O texto de Tadioto, Campos e Vianna (2022), por exemplo, propõe-se a realizar uma cartografia das

¹⁴ A indisponibilidade de acesso (“paywalls”) enseja uma oportunidade para uma reflexão crítica sobre a própria estrutura da produção e circulação do conhecimento científico. Seria pertinente introduzir uma breve discussão sobre o movimento Open Access (OA). Peter Suber, por exemplo, um dos principais defensores do movimento, argumenta que as barreiras de pagamento impostas por grandes editoras comerciais criam uma ciência desigual, onde o acesso ao conhecimento é determinado pela capacidade econômica das instituições ou dos indivíduos.



correntes teóricas, definindo cada uma e, nesse contexto, situando o positivismo. De forma análoga, o artigo de Azzopardi e Nash (2014) aborda os pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos do campo, oferecendo uma definição do positivismo, mas, em uma tomada de posição explícita, afirmando sua improvável aplicabilidade à pesquisa em ciências sociais, uma posição que encontra seu fundamento filosófico na crítica de Winch (1958), para quem a natureza simbólica e regrada da ação social a torna irreduzível aos métodos explicativos das ciências naturais.

Um segundo conjunto de textos, embora tangencialmente relacionado à temática central, mobiliza o positivismo como referência dialética. O trabalho de Ziqian (2017), por exemplo, realiza uma análise comparativa dos discursos do positivismo e da fenomenologia, expondo os pontos fortes e fracos de cada um e definindo a aplicação do positivismo ao turismo primordialmente para evidenciar suas limitações. Já o estudo de Skokic, Lynch e Morrison (2016) se aproxima de uma sociologia do percurso acadêmico, ao comentar sobre o positivismo no contexto das trajetórias de doutorandos, notadamente ao descrever o itinerário de conversão epistemológica que representa a “passagem do positivismo ao interpretativismo”, um itinerário subjetivo que espelha a reestruturação mais ampla do campo das ciências sociais a partir da segunda metade do século XX, conforme documentado por Bernstein (1976).

Ainda neste espectro, outra acepção é a de publicações que tratam o positivismo como objeto historicizado, uma espécie de fantasma epistemológico que assombra o campo: é definido e reconhecido, mas invariavelmente relegado a um passado teórico. Nas pesquisas de Ateljevic et al. (2005) e de Gale e Botterill (2005), o positivismo, embora definido, não constitui o foco do artigo, sendo apresentado como um paradigma superado, incapaz de representar a realidade. Essa postura de descarte total, em vez de reforma, pode ser interpretada por meio do conceito de incomensurabilidade paradigmática (Kuhn, 1962), segundo o qual a transição de um paradigma para outro implica uma mudança tão fundamental na visão de mundo que o diálogo ou a síntese entre eles se torna virtualmente impossível. O mesmo ocorre em revisões de literatura, como a de Han, Hunter e Ng (2019) sobre a geografia do turismo em Taiwan, que realizam uma arqueologia do saber na qual o positivismo é identificado como um dos estratos teóricos do campo, mas sem maior aprofundamento. O artigo de Chandan e Kumar (2019) representa um caso limite de ruído terminológico, em que o termo é mencionado no resumo em associação a ideologias de conservação, mas sem qualquer articulação com o debate epistemológico no turismo, sendo sua inclusão um mero artefato da busca.

Finalmente, um último conjunto de trabalhos identifica o positivismo não ao nível do discurso teórico explícito, mas como uma prática de pesquisa não-reflexiva ou uma *doxa* metodológica que impregna as práticas do campo do turismo. O texto de Pearce (2004), por exemplo, define o positivismo como método e dedica-se a uma análise das estratégias de refutação e de renúncia a ele. Em uma taxonomia das abordagens de pesquisa, Tower (1988) também oferece uma definição do positivismo nesse contexto metodológico. Posteriormente, Pearce (2010) constatou a persistência da hegemonia positivista ao afirmar que muitas das abordagens metodológicas no turismo ainda são tributárias de uma visão de mundo positivista, mesmo que de forma implícita. Essa ‘visão’ pode ser melhor explorada ao considerar o modelo dos quatro quadrantes do conhecimento turístico de Tribe (2005), no qual a abordagem positivista-gerencialista predomina no quadrante do ‘saber-para-agir’, na lógica dos estudos de negócios.

É o caso dos estudos de Huang, Chen, Luo e Bao (2019) e Huang e Chen (2016), que, ao analisarem a pesquisa em turismo na China, não se engajam em um debate



epistemológico, mas diagnosticam uma “confiança excessiva” nos métodos positivistas e pós-positivistas, revelando uma hegemonia de facto do paradigma na ausência de sua justificação filosófica. Este fenômeno pode ser interpretado como a expressão de um *habitus* científico específico, no sentido de Bourdieu (2001), onde as práticas de pesquisa são o produto de disposições incorporadas que levam os agentes a reproduzir a ortodoxia metodológica do campo de forma pré-reflexiva. O artigo de Decrop (1999) se enquadra de forma semelhante, na medida em que o positivismo é apenas definido como pano de fundo conceitual, mas não constitui uma ferramenta analítica central para a argumentação do texto.

A análise do *corpus* revela, ainda, um conjunto de trabalhos cujo posicionamento em relação ao positivismo se dá por um gesto de superação ou de deslocamento paradigmático. Alguns artigos, como os de Doran, Pomfret e Adu-Ampong (2022), Mariutti e Denes (2020), e Vita e Tekaya (2015), embora capturados pelo mecanismo de busca devido à presença do termo “positivismo”, dedicam-se, na verdade, à análise do pós-positivismo. A presença destes textos é, em si, sociologicamente significativa, pois indica a emergência de um paradigma sucessor que se define em relação ao seu predecessor. Em outros casos, o positivismo é invocado apenas para ser imediatamente descartado como método superado, como na pesquisa de Lúcia, Nila e Zoe (2021), que adota explicitamente o materialismo dialético.

Esta estratégia de demarcação crítica também é visível em outros trabalhos que propõem novos pressupostos para o conhecimento no turismo, seja por meio da adoção do interpretativismo, da demonstração das limitações do positivismo ou da afirmação da necessidade de abordagens qualitativas. É o caso, por exemplo, do estudo de Ainley e Kline (2014), que adotam o interpretativismo como base epistemológica, bem como dos trabalhos de Platenkamp e Botterill (2013) e de Davies e Dowward (2001), que propõem alternativas ao paradigma positivista, o primeiro por meio de uma crítica direta a esse modelo, e o segundo ao enfatizar a importância de métodos qualitativos. Estas diversas ‘fugas’ do positivismo podem ser melhor compreendidas à luz da taxonomia de Guba e Lincoln (1994), que distinguem entre a revisão moderada do pós-positivismo e as rupturas radicais propostas pelas vertentes interpretativistas e pela teoria crítica.

Quadro 2 – Síntese da revisão sistêmica

Artigo	Conceitos de positivismo nos textos sobre turismo
1) <i>Epistemologia do turismo: um estudo sobre as correntes teóricas predominantes nas publicações em turismo ibero-americanas</i>	O texto coloca o positivismo como uma corrente teórica focada nos estudos quantitativos, estatísticos e de viés economicista do turismo e menos interessada em estudos qualitativos e dos aspectos subjetivos do fenômeno. Principais autores utilizados para a definição: Netto & Nechar (2014) e Netto et al. (2012)
2) <i>Mind the gap: A systematic review of the knowledge contribution claims in adventure tourism research</i>	O estudo fez uso de conceitos do pós-positivismo, mas, afirmam não desconsiderar os princípios do positivismo convencional.
3) <i>Turismo comunitario en Ecuador: Apuntes en tiempos de pandemia</i>	A pesquisa aborda o método dialético-materialista
4) <i>Charting recreation and tourism geography in Taiwan: a review of the literature 1946–2016</i>	O texto utiliza da premissa interpretativista.
5) <i>A meta-synthesis of qualitative country reputation in search of building theory</i>	A pesquisa aborda a perspectiva pós-positivista.





6) <i>Evolution of Tourism Research in China after the Millennium: Changes in Research Themes, Methods, and Researchers</i>	O estudo apenas cita o positivismo como um dos métodos abordados por alguns estudos identificados, mas não o define.
7) <i>Review of Urban conservation practices in historic cities</i>	No texto, o positivismo é apenas mencionado.
8) <i>The debate between empirical and broader phenomenological approaches to research</i>	O positivismo aqui é visto como algo que enfatiza a conceituação e o teste empírico, afirmando que todo conhecimento válido deve ser baseado em fatos empíricos e confirmados pela experiência.
9) <i>Current state of tourism research in China</i>	A pesquisa apenas cita o positivismo como paradigma muito utilizado nos estudos de turismo.
10) <i>In search of inhospitable knowledge</i>	O texto afirma que o positivismo era um paradigma dominante e que posição de pesquisador que segue essa abordagem é de um coletor de informações sem pré-valores que produziam uma pesquisa aplicada e orientada. Principais autores utilizados para a definição: Ateljevic et al. (2005); Chandler & Lyon (2001); Jones (2004); Riley & Love (2000); Taylor & Edgar (1999)
11) <i>Hotel outsourcing under asset specificity: "The good, the bad and the ugly"</i>	O estudo aborda a perspectiva pós-positivista.
12) <i>An examination of philosophical paradigms and a rationale for adopting a mixed methods approach</i>	O texto afirma que o positivismo assume uma única realidade e procura fornecer explicações de fenômenos relacionados a leis gerais, fazendo uso de observação direta ou experiência e sendo baseado apenas em fatos concretos que busca mensurar relações causais entre as variáveis. Principais autores utilizados para a definição: Guba & Lincoln (1994)
13) <i>Moving beyond positivism: reflexive collaboration in understanding agritourism across North American boundaries</i>	A pesquisa utiliza a abordagem interpretativa.
14) <i>Critical realism, rationality and tourism knowledge</i>	A abordagem utilizada foi o realismo crítico.
15) <i>New directions for considering tourists' attitudes towards others</i>	O estudo apenas cita o positivismo como uma visão comum nos métodos aplicados ao turismo analisados.
16) <i>Getting 'entangled': Reflexivity and the 'critical turn' in tourism studies</i>	A pesquisa afirma que o positivismo nas ciências sociais exige uma separação entre o pesquisador e o estudo/objeto. Principais autores utilizados para a definição: Dupuis (1999) e Reinharz (1979)
17) <i>A realist agenda for tourist studies, or why destination areas really rise and fall in popularity</i>	O estudo traz o positivismo como derivado das ciências naturais, acreditando que o conhecimento do mundo social vem por meio da experiência sensorial derivada de fatos positivos. Principais autores utilizados para a definição: Botterill (2003)
18) <i>Theoretical innovation in Asia Pacific tourism research</i>	O texto pontua que o positivismo lógico aplica os critérios de investigação das ciências naturais nas disciplinas emergentes, como psicologia, sociologia e economia, fazendo uso da lógica dedutiva. Buscando descobrir generalizações isentas de valores e com validação. Principais autores utilizados para a definição: McCarthy (1981)
19) <i>Industrial organization of the package tour industry: Implications for researchers</i>	No estudo, o positivismo é apenas mencionado.
20) <i>Triangulation in qualitative tourism research</i>	Para o texto, o positivismo considera a realidade 'objetiva', tangível e única. Ele se foca em generalizações e previsões estatísticas.

21) *Approaches to tourism history*

A pesquisa afirma que o positivismo adota um nomotético ponto de vista e envolve hipóteses e validação das mesmas dentro de um grande quadro teórico.

Fonte: elaboração própria.

A revisão sistêmica da literatura sobre positivismo e turismo permitiu descobrir que, apesar de na literatura ser mencionado que o positivismo, além de pioneiro como abordagem no uso do turismo, é o mais recorrente nas suas pesquisas, quando os artigos foram analisados, não foi isso que aconteceu. Muitos textos apenas o mencionaram ou definiram, alguns o constatarem em contraste com outras abordagens, mas nenhum utilizou de sua visão para fundamentar a metodologia ou a argumentação do texto e nem a aplicação de uma pesquisa.

Também se percebeu que o método de estudo mais frequente em muitos textos foi o de revisão da literatura, com artigos que analisam outros estudos, as tendências e os conceitos abordados. No entanto, no que tange às definições de positivismo utilizadas nos textos que mencionaram alguma definição, não houve disparidade; tudo permaneceu na mesma linha de raciocínio, apesar de nenhum autor “clássico” do tema ter sido mencionado ou de nenhum autor ter se sobressaído nas citações no que se refere à conceituação do positivismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo da grande relevância que o positivismo possui na área de turismo, tanto como pioneiro em abordagens como guia de métodos, esse trabalho buscou, a partir de uma revisão sistemática, descobrir a quantidade de artigos que abordam o positivismo nos estudos de turismo e qual seria a qualidade da fundamentação positivista de tais estudos, analisando qual o conceito utilizado e quais autores que eram referenciados em tais conceitos.

A pesquisa concluiu que o número de pesquisas com o tema atrelado ao positivismo e ao turismo era baixo, com um total de 38 textos, sendo 27 artigos. Além disso, percebeu-se que os textos que incluem positivismo em seu título, resumo ou palavras-chave não necessariamente abordaram a temática como alvo principal de exposição, sendo o positivismo muitas vezes apenas mencionado nos textos turísticos encontrados. Sobre as definições, foi visto que não há grandes diferenças nos conceitos introduzidos; no entanto, os autores que embasam os conceitos não foram os mesmos e não houve indícios de autores “clássicos” mencionados após o conceito ser dado.

Com isso, o presente estudo contribuiu para as pesquisas em turismo em geral, mostrando que apesar de o positivismo ter tido e ainda ter grande impacto nas produções geralmente estudadas na área, no que diz respeito aos artigos a tendência foi o uso de outras abordagens, sendo a justificativa, em sua maior parte, referente a ausência do caráter qualitativo do positivismo. No entanto, algumas limitações merecem menção. O levantamento de artigos feitos que envolvia a temática aqui abordada foi realizado em apenas duas bases de dados, apesar de serem mais relevantes na área, como já demonstrado, talvez a ampliação da pesquisa em outras bases poderia apresentar diferentes resultados e assim uma diferente reflexão, deixando assim uma inquietação e uma sugestão aos futuros estudos para descobrirem se essa pesquisa quando aplicada em outras bases forneceria o mesmo resultado.



REFERÊNCIAS

- Ainley, S. & Kline, C. (2014) Moving beyond positivism: reflexive collaboration in understanding agritourism across North American boundaries, *Current Issues in Tourism*, 17 (5), pp.404 -413.
- Ateljevic, I.; Harris, C.; Wilson, E. & Collins, F. (2005) Getting 'Entangled': Reflexivity and the 'Critical Turn' in Tourism Studies. *Tourism Recreation Research*, 30 (2), pp.9-21.
- Azopardi, E. & Nash, R. (2014) Na Examination of Philosophical Paradigms and Rationale for Adoption of a Mixed Methods Approach. *Tourism Analysis*, 19, pp. 151-159.
- Beni, M. C. & Moesch, M. (2017) A Teoria da Complexidade e o Ecosistema do Turismo. *Revista Turismo- Visão e Ação*, 19 (3), pp. 430-457.
- Bernstein, R. J. (1976). *The restructuring of social and political theory*. New York, NY: Harcourt Brace Jovanovich.
- Bourdieu, P. (2001). *The craft of sociology: Epistemological preliminaries* (R. Nice, Trans.). Berlin, DE: Walter de Gruyter. (Obra original publicada em 1968).
- Bourdieu, P. (2004). The specific characteristics of the scientific field and the social conditions of the progress of reason. In P. Bourdieu, *Science of science and reflexivity* (pp. 23-58). Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Burrell, G. & Morgan, G. (1979) *Sociological paradigms and organizational analysis*. London: Heinemann.
- Chandan, S. & Kumar, A. (2019) Review of Urban Conservation Practices in Historic Cities. *International Journal on Emerging Technologies*, 10(1), pp. 74-84
- Clegg, S. R. (1989). *Frameworks of power*. London, UK: Sage Publications.
- Comte, A. (1865) *A General View of Positivism*. London: Routledge
- Comte, A. (1896) *The Positive Philosophy*. Volume I. (Cap. 1 e 2, pp. 1-35) London: George Bell & Sons.
- Davies, B. & Downward, P. (2001) Industrial organization of package tour industry: implications for researchers. *Tourism Economics*, 7(2), pp.149-161.
- Decrop, A. (1999) Triangulation in qualitative tourism research. *Tourism Management*, 20, pp.157-161.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (2011). *The Sage handbook of qualitative research* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Dilthey, W. (1989). *Introduction to the human sciences* (R. J. Betanzos, Ed. & Trans.). Detroit, MI: Wayne State University Press. (Obra original publicada em 1883).



Diodato, V. (1994). *Dictionary of Bibliometrics*. Haworth Press.

Donaldson, L. (1996) *For Positivist Organization Theory*. (Cap. 1, pp. 1-13) London: Sage.

Donaldson, L. (2005) *Organization Theory as a Positive Science*. Oxford Handbooks Online. doi:10.1093/oxfordhb/9780199275250.003.0002

Duran, A.; Pomfret, G. & Adu-Ampong, E. A. Mind the gap: A systematic review of the knowledge contribution claims in adventure tourism research. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 51, pp. 238-251.

Durkheim, É. (1982). *The rules of sociological method* (W. D. Halls, Trans.). New York, NY: The Free Press. (Obra original publicada em 1895).

Elsevier (2022) *Scopus*. Recuperado de <https://www.elsevier.com/pt-br/solutions/scopus>

Farenhof, H. A. & Fernandes, R. F. (2016) Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: Método SSF. *Revista ACB*, 21 (3), pp. 550-563.

Gale, T. & Botterill, D. (2005) A realist agenda for tourist studies, or why destination areas really rise and fall in popularity. *Tourist Studies*, 5 (2), pp.151-174.

Galvão, P.L. A.; Marques, P. C. L. & Castro, C. A. T. (2016) O positivismo nas produções científicas do Turismo: um olhar sobre a obra “Administração do Turismo” de Miguel Acerenza. *Anais do Seminário da ANPTUR*, São Paulo, Brasil, 13.

Gil, A. C. (2008) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Goodwin, H. (2017). The challenge of overtourism. Responsible Tourism Partnership, Working Paper 4.

Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Han, G.; Hunter, W. C. H. & Ng, P. (2019) Charting recreation and tourism geography in Taiwan: a review of the literature 1946–2016. *Current Issues in Tourism*. 23 (15), pp. 1900-1913.

Hassard, J. (1993) *Sociology and Organization Theory: Positivism, paradigms and postmodernity*. (Cap. 1, pp. 4-18) New York: Cambridge University Press.

Hoffmann, M. G.; Fernandes, R. F. Feuerschütte, S. G. & Lemos, D. C. (2015) Fatores Condicionantes à Inovação: Aproximação ao Estado da Arte por meio da Bibliometria e da Revisão Sistemática. *Revista Pretexto*, 17 (2), pp. 1-27.

Huang, S.; Chen, G. (2016) Current State of Tourism Research in China. *Tourism Management Perspectives*, 20, pp.10-18.



Huang, S.; Chen, G.; Luo, X. & Bao, J. (2019) Evolution of Tourism Research in China after the Millennium: Changes in Research Themes, Methods, and Researchers. *Journal of China Tourism Research*, 15, pp. 420-434.

Kuhn, T. S. (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago, IL: University of Chicago Press.

Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills, CA: Sage Publications.

Lucia, L.; Nila, P. M. & Zoe, M. V. Turismo comunitario en Ecuador: Apuntes en tiempos de pandemia. *Revista de Ciências Sociais*, 27 (1), pp. 265-277.

Mariutti, F. & Denes, D. (2020) A meta-synthesis of qualitative country reputation in search of building theory. *Brazilian Journal of Marketing*, 19(3), pp. 705-730.

Marx, K., & Engels, F. (2002). *The Communist Manifesto*. London, UK: Penguin Classics. (Obra original publicada em 1848).

Mill, J. S. (1865). *Auguste Comte and Positivism*. London, UK: Trübner & Co.

Nechar, M. C. (2007) La investigación y epistemología del turismo: aportes y retos. *Revista Hospitalidade* (4) 2, pp. 79-95.

Netto, A. P. & Nechar, M. C. (2014) Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8 (1), pp. 120-140.

Netto, A. P.; Noguero, F. T. & Jäger, M. (2011) Por uma Visão Crítica nos Estudos Turísticos. *Turismo em Análise*, 22 (3), pp. 539-560.

Neurath, O. (1938). Unified science as encyclopedic integration. In O. Neurath, R. Carnap, & C. Morris (Eds.), *International encyclopedia of unified science* (Vol. 1, No. 1, pp. 1-27). Chicago, IL: University of Chicago Press.

Pearce, P. (2004) Theoretical innovation in Asia Pacific Tourism Research. *Tourism Research*, 9(1), pp.57-70.

Pearce, P. (2010) New Directions for Considering Tourists Attitudes Towards Others. *Tourism Recreation Research*, 35(3), pp.251-258.

Platenkamp, V. & Botterill, D. (2013) Critical Realism, Rationality and Tourism Knowledge. *Annals of Tourism Research*, 41, pp.110-129.

Plato. (1992). *Republic* (G. M. A. Grube, Trans., & C. D. C. Reeve, Rev.). Indianapolis, IN: Hackett Publishing Company.

Skokic, V.; Lynch, P. & Morrison, A. (2016) In Search of Inhospitable Knowledge. *Hospitality & Society*, 6 (1), pp. 31-54.

Suber, P. (2012). *Open access*. Cambridge, MA: The MIT Press.



Tadioto, M. V.; Campos, L. J. & Vianna, S. L. G. Epistemologia do Turismo: um estudo sobre as correntes teóricas predominantes nas publicações em Turismo Ibero-Americanas. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 16, pp. 1-17.

Tower, J. (1988) Approaches to Tourism History. *Annals of Tourism Research*, 15, pp.47-62.

Tranfield, D., Denyer, D., & Smart, P. (2003). Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge by means of systematic review. *British Journal of Management*, 14(3), 207-222.

Tribe, J. (1997) The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638-657.

Tribe, J. (2005). New tourism research. *Tourism Recreation Research*, 30(2), 5-8.

van Eck, N. J., & Waltman, L. (2010). Software survey: VOSviewer, a computer program for bibliometric mapping. *Scientometrics*, 84(2), 523-538.

Vita, G. & Tekaya, A. (2015) Hotel outsourcing under asset specificity: “The good, the bad and the ugly”. *Tourism Management*, 47, pp. 97-106

Winch, P. (1958). The idea of a social science and its relation to philosophy. London, UK: Routledge & Kegan Paul.

Ziqian, S. (2017) The debate between empirical and broader phenomenological approaches to research. *Tourism Management*, 58, pp. 307-311.

Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 25/08/2025

Aprovado em: 20/09/2025

Received in: August 25, 2025

Approved in: September 20, 2025